

A influência do meio em *O Crime do Padre Amaro*

Marina da Silva Bordin*
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo:

Este trabalho se propõe a analisar a influência do meio social sobre o indivíduo no romance de tese *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. Esse aspecto é trabalhado, principalmente, levando-se em consideração as influências sofridas pelos protagonistas dessa obra, Amaro e Amélia. A sociedade corrupta, da qual eles fazem parte, é fundamental para determinar o destino de ambos: a morte de Amélia e o final hipócrita de Amaro.

Segundo Massaud Moisés (1999:166), os adeptos de Taine condicionavam a obra de arte ao *ambiente*, à *herança*, e ao *momento*. Dessa forma, entendiam que todo ser vivo estaria à mercê das mesmas leis universais que regem os seres inanimados, de modo que o homem estaria submetido às condições gerais de vida existentes no planeta. Esse condicionamento da obra de arte ao influxo do meio, da raça e do momento chamou-se *teoria determinista*. Dentre os três aspectos que compõem essa teoria, optou-se por observar a influência do meio social sobre o indivíduo em *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, sem porém aderir a tal ideologia. Trata-se, somente, de verificar a eficácia de uma construção ficcional.

1. Amaro, Amélia e o Ambiente

Amaro e Amélia, desde a infância, são cercados por um ambiente impregnado de uma religiosidade deturpada. O que é pregado pela palavra dos seguidores da Igreja não é respeitado pelos atos dos próprios pregadores e os padres subvertem os valores éticos do Catolicismo a fim de se beneficiarem. Esse meio corrompido vai criar os protagonistas, deformá-los e será decisivo para o final que se ajusta a eles. O ambiente molda esses dois personagens como um artista dá forma ao barro e o transforma numa obra que pode retratar o seu tempo, o seu povo. Amaro e Amélia (que, aliás, também vêm do barro, segundo os preceitos do Catolicismo) parecem igualmente ser a representação de uma sociedade hipócrita, pois ambos fingem possuir virtudes que não têm.

1.1 O Adaptado Amaro

Amaro, aos seis anos, perde os pais e é adotado por uma marquesa beata que tem um respeito devoto pelos padres de S. Luís e está sempre preocupada com os interesses da Igreja. Ele vive em uma casa com capela, freqüentada por padres, onde a moda é tão cultuada quanto a religião. Esse meio não é modesto e simples (como o

*Texto resultado de trabalho realizado na disciplina de Literatura Portuguesa II, sob orientação da Prof. Ms. do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM, Eni de Paiva Celidonio.

pregado por Cristo), onde o vestir é unicamente uma necessidade, mas, ao contrário, é cercado pela vaidade das filhas da marquesa¹:

“As suas duas filhas, educadas no receio do céu e nas preocupações da Moda, eram beatas e faziam o chique falando com igual fervor da humildade cristã e do último figurino de Bruxelas. Um jornalista de então dissera delas: - Pensam todos os dias na toalete com que hão-de entrar no Paraíso.

No isolamento de Carcavelos, naquela quinta de alamedas aristocráticas onde os pavões gritavam, as duas meninas enfastiavam-se. A Religião, a Caridade eram então ocupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguesia, bordavam frontais para os altares da igreja. De Maio a Outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de *salvar a sua alma*; liam os livros beatos e doces; como não tinham S. Carlos, as visitas, a Aline, recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de Verão.” (p.30)

A religião é apenas um passatempo para as meninas que, no isolamento de um Portugal que dorme às margens do Tejo, sonham com os centros da moda europeia. A presença da capital da Bélgica em “figurino de Bruxelas” em detrimento de outras cidades mais famosas da época, como Paris ou Londres, parece contribuir para a aproximação entre religião e moda, presente em todo o fragmento, já que a cidade de Bruxelas nasceu de uma capela erigida numa ilha do Sena². Os pares céu/Moda, beatas/chique, humildade cristã/figurino de Bruxelas, Paraíso/toalete demonstram, através da seleção lexical, essa relação religião/moda, que vai culminar em Deus/luxo.

Além das filhas da marquesa, as criadas também fazem parte da infância de Amaro, período em que ele é quase só cercado por mulheres:

“As criadas de resto feminizavam-no; achavam-no bonito, aninhavam-no no meio delas, beijocavam-no, faziam-lhe cócegas, e ele rolava por entre as saias, em contato com os corpos, com gritinhos de contentamento. Às vezes, quando a senhora marquesa saía, vestiam-no de mulher, entre grandes risadas; ele abandonava-se, meio nu, com os seus modos lânguidos, os olhos quebrados, uma roseta escarlata nas faces. As criadas, além disso, utilizavam-no nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazia as queixas*. Tomou-se enredador, muito mentiroso.” (p.31)

E assim vai crescendo Amaro: envolto em um ambiente sensual (“feminizavam-no”, “aninhavam-no no meio delas”, “beijocavam-no”, “rolava por entre as saias”, “em contato com os corpos”, “gritinhos de contentamento”, “vestiam-no de mulher”, “nu”, “modos lânguidos”), trazendo sempre as mãos nos bolsos, constantemente metido nos quartos das criadas, remexendo as gavetas, bulindo nas saias sujas, cheirando os

¹ A simplicidade do vestir, na Bíblia, pode ser encontrada em Mat 6.28,29: “E, quanto ao vestido, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam; E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória se vestiu como qualquer deles.”

² Essa informação sobre a origem da cidade de Bruxelas pode ser encontrada no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Forma* (1968:711).

algodões postiços, extremamente preguiçoso, e chamado pelos criados de o *padreca*.

O jovem desenvolve um temperamento apático e passivo, e, nesse meio consagrado pela bênção do clero, “A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica.”, pois ele estava “já afeiçoado às coisas de capela” (p.30). A influência sofrida por Amaro para tornar-se padre fica patente:

“Nunca ninguém consultara as suas tendências ou a sua vocação. Impunham-lhe uma sobrepeliz; a sua natureza passiva, facilmente dominável, aceitava-a, como aceitaria uma farda.” (p.32)

Através das expressões “natureza passiva”, “facilmente dominável”, “aceitava-a, como aceitaria uma farda.”, nota-se que Amaro adaptava-se facilmente ao que lhe era imposto, sem contestar, sem defender os seus desejos, os seus sentimentos. Aceitava a vestidura eclesiástica assim como aceitaria o uniforme militar ou qualquer outra roupa, qualquer outra profissão. Isso demonstra que as influências que Amaro recebia eram decisivas para a determinação do seu destino.

A idéia que Amaro tem de ser padre foi formada pela convivência na casa da marquesa. Segundo esse convívio, ser padre não exige sacrifícios nem lástimas, sendo uma vida muito prazerosa:

“De resto não lhe desagradava ser *padre*. Desde que saíra das rezas perpétuas de Carcavelos conservara o seu medo do Inferno, mas perdera o fervor pelos santos; lembravam-lhe porém os padres que vira em casa da senhora marquesa, pessoas brancas e bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas, e tomavam rapé em caixas de ouro; e convinha-lhe aquela profissão em que se cantam bonitas missas, se comem doces finos, se fala baixo com as mulheres, - vivendo entre elas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante, - e se recebem presentes em bandejas de prata. Recordava o padre Liset com um anel de rubi no dedo mínimo; monsenhor Saavedra com os seus belos óculos de ouro, bebendo aos goles o seu copo de Madeira. As filhas da senhora marquesa bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um bispo que fora padre na Baía, viajara, estivera em Roma, era muito jovial; e na sala, com as suas mãos ungidas que cheiravam a água-de-colônia, apoiadas ao castão de ouro da bengala, todo rodeado de senhoras em êxtase e cheias dum riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bela voz” (p.32)

Os interesses materiais, tão condenados por Jesus Cristo³, são ostentados pelos próprios padres, que deveriam ser seus seguidores mais fiéis. Eles são bem tratados, recebem presentes em bandejas de prata, comem doces finos, bebem o melhor vinho e usam água-de-colônia. Nesse pequeno fragmento, a palavra “ouro” chega a ser repetida três vezes, salientando a idéia de riqueza associada à vida dos padres, além da presença da pedra preciosa “rubi”. A classe social freqüentada pelos sacerdotes (representada pela marquesa e pelas fidalgas) também está associada à abundância, já

³ Pode-se observar a condenação dos interesses materiais por Jesus Cristo, por exemplo, em Luc 12.22: “E disse-lhes: Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui.”

que é composta por pessoas ricas, com títulos nobres. Ao contrário do que falou o padre Natário (“Para que somos nós sacerdotes de Cristo? Para exaltar os humildes e derrubar os soberbos” p.331), Amaro só pretende ser padre para viver nesse ambiente farto e rodeado de senhoras em êxtase.

Quando Amaro entra no seminário, seus novos amigos falam das saudades da existência livre que tinham deixado, das esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, das ruas tortuosas e tranqüilas de onde se namoravam as vizinhas. Ladeados pelos altos muros sonolentos, invejavam todos os destinos livres, e, às vezes, falavam em fugir, antevendo balcões de tabernas onde se bebe, salas de bilhar, alcovas quentes de mulheres. Nesse ambiente, em que o seminário toma o aspecto de prisão, Amaro revolve-se sem dormir e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, “ardia como uma brasa silenciosa o desejo da Mulher” (p.35).

Essa casa de educação e ensino, onde se preparam candidatos para o sacerdócio, não parece conduzir seus alunos para que se devotem de alma e coração a uma causa católica. Através de vários vocábulos do texto (namoravam, tabernas, bebe, bilhar, alcova quente de mulheres), observamos que os futuros padres não possuem vocação para o ofício, já que o sacerdócio exige o desprendimento desses aspectos mundanos.

Amaro sempre adaptou-se ao que lhe era conferido, inclusive à imposição da marquesa de que ele seguisse o sacerdócio. Essa influência, sofrida quando Amaro ainda era um menino, vai causar um forte rancor no protagonista, pois sendo padre, não podia realizar o que era considerado comum aos outros homens, os “homens livres”:

“que a odiava! - menos que ao outro porém, o outro que triunfava porque era um homem, tinha a sua liberdade, o seu cabelo todo, o seu bigode, um braço livre para lhe dar na rua! Repassava então a imaginação rancorosamente nas visões de felicidade do escrevente: via-o trazendo-a da igreja triunfantemente; via-o beijando-lhe o pescoço e o peito... E a estas idéias dava patadas furiosas no soalho - que assustavam a Vicência na cozinha” (p.143)

O padre invejava tudo que lhe era proibido. Coisas simples nos outros homens, como o cabelo e o bigode, eram consideradas parte da liberdade que a ele faltava. Ter o braço livre para dar à Amélia e poder beijá-la eram possíveis para João Eduardo, que era um homem livre. Amaro era padre, e por conseguinte, era um preso.

O pároco, muitas vezes, vai maldizer a influência, advinda da marquesa, que o tornou um prisioneiro da religião:

“E todo o homem feio e estúpido podia ir à Rua da Misericórdia, pedi-la à mãe, vir à Sé dizer-lhe: “Senhor pároco, case-me com esta mulher”, e beijar, sob a proteção da Igreja e do Estado, aqueles braços e aquele peito! Ele não. Era padre! Fora aquela infernal pega da marquesa de Alegros!...” (p.103)

“voltavam as antigas lamentações: não ser livre! não poder entrar claramente naquela casa, pedi-la à mãe, possuí-la sem pecado, comodamente! Por que o tinham feito padre? Fora “a velha pega” da

marquesa de Alegros! Ele não abdicava voluntariamente a virilidade do seu peito! Tinham-no impelido para o sacerdócio como um boi para o curral!” (p.114)

A incapacidade de realizar seus desejos vai fazer com que não só a marquesa de Alegros seja responsabilizada pelo destino de Amaro, como também a Igreja, que tinha consentido em torná-lo padre:

“À idéia daquelas felicidades inacessíveis, os olhos arrasaram-se-lhe de lágrimas. Amaldiçoou, num desespero, “a pega da marquesa que o fizera padre”, e o bispo que o confirmara!” (p.82)

“Oh! que desejo furioso de bater àquela porta da quinta, precipitar-se para o quarto de Amélia, meter-lhe o pequerruchinho na cama, muito agasalhado, e todos três ficarem ali como no conchego dum céu! Mas que, era padre! Maldita fosse a religião que assim o esmagava!” (p.333)

As hipocrisias do clero vão sendo descobertas por Amaro, e é através delas que ele vai conseguir realizar o desejo de possuir Amélia:

“Nunca suspeitara um tal escândalo! A S. Joaneira, a pachorrenta S. Joaneira! O cônego, seu mestre de Moral! E era um velho, sem os ímpetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade, a nutrição, as dignidades eclesiásticas! Que faria então um homem novo e forte, que sente uma vida abundante no fundo das suas veias reclamar e arder!... Era, pois, verdade o que se cochichava no seminário, o que lhe dizia o velho padre Sequeira, cinqüenta anos padre da Gralheira: - “Todos são do mesmo barro!” Todos são do mesmo barro, - sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminários, dirigem as consciências envoltos em Deus como numa absolvição permanente, e têm no entanto, numa viela, uma mulher pacata e gorda, em casa de quem vão repousar das atitudes devotas e da austeridade do ofício, fumando cigarros de estanco e palpando uns braços rechonchudos!” (p.79)

Amaro vê que seu próprio mestre de moral não respeita os bons costumes, a decência, as leis do sacerdócio. A ironia do texto faz-se presente quando coloca o mestre de moral como sendo o maior exemplo de imoralidade. O discípulo do cônego será influenciado pelo seu mestre e seguirá os seus passos como um aplicado aprendiz:

“A noite caíra, com uma chuva fina. Amaro não a sentia, caminhando depressa, cheio de uma só idéia deliciosa que o fazia tremer: ser o amante da rapariga, como o cônego era o amante da mãe! Imaginava já a boa vida escandalosa e regalada; enquanto em cima a grossa S. Joaneira beijocasse o seu cônego cheio de dificuldades asmáticas - Amélia desceria ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as saias brancas, com um xale sobre os ombros nus... Com que frenesi a esperaria! E já não sentia por ela o mesmo amor sentimental, quase doloroso: agora a idéia muito magana dos dois padres e as duas concubinas, de panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação depravada! Ia aos pulinhos pela rua. -

Que pechincha de casa!” (p.80)

Ao contar ao cônego Dias que sabia sobre sua relação com a S. Joaneira e que, assim como o meste, também tinha uma amante, seu mestre de moral ainda tentou reprimir a falta de decoro de Amaro:

“O cônego escutava-o, bamboleando a cabeça, na aceitação muda daquelas verdades. Tinha-se deixado cair numa cadeira, a descansar de tanta cólera inútil; e erguendo os olhos para Amaro:

-Mas você, homem, no começo da carreira!

-E você, padre-mestre, no fim da carreira!” (p.257)

Mas já não era possível obrigar Amaro a cumprir as regras da Igreja se o próprio mestre de moral não as respeitava. Nas faltas de seu mestre, Amaro encontrou a oportunidade de pôr fim às suas ansiedades de consciência no julgamento dos seus próprios atos:

“Desde esse dia Amaro gozou uma completa tranqüilidade de alma. Até aí incomodava-o, por vezes, a idéia de que correspondera ingratamente à confiança, aos carinhos que lhe tinham prodigalizado na Rua da Misericórdia. Mas a tácita aprovação do cônego viera tirar-lhe, como ele dizia, aquele espinho da consciência. Porque enfim, o chefe de família, o cavalheiro respeitável, o cabeça - era o cônego. A S. Joaneira era apenas uma concubina... E Amaro mesmo, às vezes agora, em tom de galhofa, tratava o Dias de *seu caro sogro*.” (p.258)

E o cônego Dias continuou sendo a principal influência vinda do sacerdócio e sofrida por Amaro:

“Decidiu-se então a ir falar ao cônego Dias: a sua natureza fraca necessitava sempre receber forças duma razão, duma experiência alheia: costumava consultar ordinariamente o cônego que, pelo hábito da disciplina eclesiástica, ele julgava mais inteligente por ser seu superior na hierarquia; e não perdera, desde o seminário, a sua dependência de discípulo.” (p.96)

Mas não seriam só as amantes de cônegos que surpreenderiam Amaro. A hipocrisia desses religiosos não se deteve apenas aos assuntos amorosos, espalhou-se para os políticos também.

Através do padre Natário, receberam-se, na freguesia, cartas vindas do Céu e assinadas pela Virgem Maria, pedindo, com promessas de salvação e ameaças do Inferno, votos para o candidato do governo. Ao saber disso, Amaro ficou surpreendido:

“- Homem! disse o abade com ingenuidade, disso é que eu cá precisava. Eu então tenho de andar aí a estafar-me de porta em porta. - E sorrindo bondosamente: - Com o que se faz ainda alguma coisita é com o relaxe da cônica!”

- E com a confissão, disse o padre Natário. A coisa então vai pelas mulheres, mas vai segura! Da confissão tira-se grande partido.

O padre Amaro, que estivera calado, disse gravemente:

- Mas enfim a confissão é um ato muito sério, e servir, assim para eleições...

O padre Natário, que tinha duas rosetas escarlates na face e gestos excitados, soltou uma palavra imprudente:

- Pois o senhor toma a confissão a sério?

Houve uma grande surpresa.

- Se tomo a confissão a sério? gritou o padre Amaro recuando a cadeira, com os olhos arregalados." (p.87)

Quando o padre Natário fala que através da confissão também era possível alcançar proveitos, mais uma vez Amaro é tomado por um espanto de quem tem como verdade absoluta tudo o que é pregado pela Igreja e pelos seus representantes. Toda essa hipocrisia que cerca o protagonista vai ser por ele assimilada, e fará com que Amaro perca a sua ingenuidade inicial. A transgressão de preceitos católicos será por ele atribuída às várias classes da Igreja, à própria Igreja e até mesmo aos santos, numa generalização que demonstra a perda de confiança em relação aos preceitos católicos:

"Ah! Era nos seus tempos de inocência, de exagerações piedosas e de terrores noviços! Agora tinha aberto os olhos em redor à realidade humana. Abades, cônegos, cardeais e monsenhores não pecavam sobre a palha da estrebaria, não - era em alcovas cômodas, com a ceia ao lado. E as igrejas não se aluíam, e S. Miguel Vingador não abandonava por tão pouco os confortos do Céu!" (p.225)

Conforme o exemplo que teve, Amaro tornar-se-á mais um padre que vai obter ganhos para seu proveito pessoal através do sacerdócio:

"Prometera-lhe de resto procurar outro sítio para se verem; e mesmo com o fim de a distrair, aproveitando a solidão da sacristia, mostrava-lhe às vezes os paramentos, os cálices, as vestimentas, procurando interessá-la por um frontal novo ou por uma antiga renda de sobrepeliz, provando-lhe, pela familiaridade com que tocava nas relíquias, que era ainda o senhor pároco e não perdera o seu crédito no Céu." (p.247)

Amélia foi a principal vítima da astúcia de Amaro, pois aproveitando-se da sua condição sacerdotal, ele utilizou todos os apetrechos da Igreja que podiam causar admiração ou medo em Amélia, para demonstrar autoridade.

No final do romance, como auge da influência que Amaro sofreu do seu padre-mestre, o cônego Dias, eles se reencontram e Amaro conta que agora só confessa as casadas, o que leva o cônego a se abandonar em grande hilaridade.

2.2 A Amparada Amélia

A infância de Amélia também é marcada pela convivência com religiosos. Aos oito anos, ela foi para a mestra, tacho das freiras de Santa Joana de Aveiro, que lhe contava as histórias do convento. Esses relatos em nada lembravam uma moradia de comunidade com escrúpulos religiosos: as perrices da escrivã; a madre rodeira, preguiçosa e pacata; a mestra de cantochão, admiradora de Bocage; e a legenda de uma freira que morrera de amor.

Nas histórias remotas e na realidade próxima, estava sempre a cingir Amélia, como o próprio ar que ela respirava, a presença de pessoas que se julgavam religiosas:

“A mama era muito visitada por padres. O chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava de asma ao subir a escada e tinha uma voz fanhosa, vinha todos os dias, como amigo da casa. Amélia chamava-lhe *padrinho*. Quando ela voltava da mestra, à tarde, encontrava-o sempre a palestrar com a mãe, na sala, de batina desabotoada, deixando ver o longo colete de veludo preto com raminhos bordados a amarelo. O senhor chantre perguntava-lhe pelas lições e fazia-a dizer a tabuada.

À noite havia reuniões: vinha o padre Valente; o cônego Cruz; e um velhito calvo, de perfil de pássaro, com óculos azuis, que fora frade franciscano e a quem chamavam frei André. Vinham as amigas da mãe, com as suas *meias*; e um capitão Couceiro, de caçadores, que tinha os dedos negros do cigarro e trazia sempre a sua viola. Mas às nove horas mandavam-na deitar; pela frincha do quarto ela via a luz, ouvia as vozes; depois fazia-se um silêncio, e o capitão, repenicamente a guitarra, cantava o *lundum da Figueira*.” (p.59)

O fragmento acima demonstra a frequência com que Amélia era visitada por padres e que esse convívio foi capaz de estipular horários para determinadas ocupações. Depois das palestras com a mestra, sobre freiras, Amélia vai para casa onde encontra padres e, até mesmo na hora de dormir, adormecia ao som das vozes desses presbíteros do Senhor. Não só as vozes acompanhavam o crescimento de Amélia, mas, o próprio hálito do padre Valente a cercava (“Gostava de a ter entre os joelhos, torcer-lhe devagarinho a orelha, e ela sentia o seu hálito impregnado de cebola e de cigarro” p.60). Dessa forma, a proximidade e o convívio foram formando e deformando o feitio moral da menina que “Foi assim crescendo entre padres” (p.60).

A visão que Amélia tem de Deus está relacionada a um comportamento *Senhor-Servo*, no qual Deus é o Senhor cruel e ela é a sua serva, que deve viver em absoluta sujeição para evitar ser castigada. Como os padres são os representantes de Deus na terra, era a eles que ela se submetia:

“Já então sabia o catecismo e a doutrina: na mestra, em casa, por qualquer “bagatela”, falavam-lhe sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus aparecia-lhe como um ser que só sabe dar o sofrimento e a morte, e que é necessário abrandar, rezando e jejuando, ouvindo novenas, animando os padres. Por isso, se às vezes ao deitar lhe esquecia uma Salve-Rainha, fazia penitência no outro dia, porque temia que Deus lhe mandasse seções ou a fizesse cair na escada.” (p.59)

O trecho destacado acima indica a idéia de um Deus que se compraz em fazer sofrer e, ainda, que se dedicando aos padres (“animando os padres”), Amélia poderia abrandar esse Deus tão temido.

A história sobre a paixão impossível entre um homem e uma freira, que finda

com a morte da mulher e o sacerdócio do homem, contada pelo Tio Cegonha à Amélia, muito a impressionou:

“Amélia todo o dia pensou naquela história. De noite veio-lhe uma grande febre, com sonhos espessos, em que dominava a figura do frade franciscano, na sombra do órgão da Sé de Évora (...). Então o sonho mudava: era um vasto céu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com hábitos de convento e um ruído inefável de beijos insaciáveis, giravam, levadas por um vento místico; mas desvaneciam-se como névoas, e na vasta escuridão ela via aparecer um grande coração em carne viva, todo traspassado de espadas, e as gotas de sangue que caíam dele enchiam o céu duma chuva escarlate.” (p.63)

Esse fragmento mostra uma relação entre o sensualismo e o misticismo da personagem, na qual o amor ávido, defeso, veste-se em hábitos de convento e se desvanece dilacerado. Essa história vai influenciar Amélia (já então com quinze anos), quando ela descobre que Agostinho, o homem a quem ela ama, vai se casar com outra moça. Como o homem da história que decidiu fazer-se padre por não poder realizar seu amor, Amélia também pensa em tornar-se freira:

“Ainda lembrada daquele moço da história do *Tio Cegonha*, que por amor se escondera na solidão de um convento, começou a pensar em ser freira: deu-se a uma forte devoção, manifestação exagerada das tendências que desde pequenina as convivências de padres tinham lentamente criado na sua natureza sensível; lia todo o dia livros de rezas; encheu as paredes do quarto de litografias coloridas de santos; passava longas horas na igreja, acumulando Salve-Rainhas à Senhora da Encarnação. Ouvia todos os dias missa, quis comungar todas as semanas - e as amigas da mãe achavam-na “um modelo, de dar virtude a incrédulos” !” (p.68)

O trecho “manifestação exagerada das tendências que desde pequenina as convivências de padres tinham lentamente criado na sua natureza sensível” é outro exemplo da influência exercida pelo meio em que vive Amélia. A forma como vê esse conjunto de elementos religiosos (rezas, igreja, missa, comunhão, etc) que a cercam vai mudar quando ela tiver vinte e dois anos:

“o que amava agora na religião e na igreja era o aparato, a festa - as belas missas cantadas ao órgão, as capas recamadas de ouro, reluzindo entre os tocheiros, o altar-mor na glória das flores cheirosas, o roçar das correntes dos incensadores de prata, os uníssonos que rompem briosamente no coro das aleluias. Tomava a Sé como a sua Ópera: Deus era o seu luxo. Nos domingos de missa gostava de se vestir, de se perfumar com água-de-colônia, de se ir aninhar sobre o tapete do altar-mor, sorrindo ao padre Brito ou ao cônego Saldanha.” (p.69)

O que a encanta agora na Igreja é toda a exuberância que dela se pode aproveitar. A religião já não é o centro dos motivos que a levam ao templo cristão, o essencial, para Amélia, é a pompa, como se a Igreja se tornasse um grande salão de baile, com

ópera, padres bonitos e ela, bem vestida e cheirosa, no centro da festa, no altar-mor. Da mesma forma que acontecia com as filhas da marquesa, Deus era o seu luxo.

A influência que Amaro vai exercer sobre Amélia está relacionada a esse poderio da Igreja e do próprio padre, que, como seu representante, utiliza-o:

“Era este poder divino do padre, esta familiaridade com Deus, tanto ou mais que a influência da sua voz - que a faziam crer na promessa que ele lhe repetia sempre: que ser amada por um padre chamaria sobre ela o interesse, a amizade de Deus; que depois de morta dois anjos viriam tomá-la pela mão para a acompanhar e desfazer todas as dúvidas que pudesse ter S. Pedro, chaveiro do Céu; e que na sua sepultura, como sucedera em França a uma rapariga amada por um cura, nasceriam espontaneamente rosas brancas, como prova celeste de que a virgindade não se estraga nos braços santos dum padre...” (p.244)

Para Amélia, Amaro é um representante de Deus, por isso ela não está caindo em culpa. Ela entrega-se inteiramente ao seu amor, é amparada por ele, obedece-lhe, segue-o como os apóstolos seguiram Jesus Cristo. Ele era o seu refúgio (“Corria para a sacristia para se refugiar em Amaro” p.247), assim como a sua batina a abrigava (“abrigar-se à autoridade sagrada da sua batina” p.247). Ela simplesmente é uma “boa católica”, vai seguindo o que os religiosos do seu meio dizem, como uma pena levemente vai sendo carregada pelo vento:

“-Escuta. E a rapariga, descartando-se de ti em obediências às instruções do senhor padre fulano ou sicrano, comporta-se como uma boa católica. É o que te digo. Toda a vida do bom católico, os seus pensamentos, as suas idéias, os seus sentimentos, as suas palavras, o emprego dos seus dias e das suas noites, as suas relações de família e de vizinhança, os pratos do seu jantar, o seu vestuário e os seus divertimentos - tudo isto é regulado pela autoridade eclesiástica (abade, bispo ou cônego), aprovado ou censurado pelo confessor, aconselhado e ordenado pelo *diretor da consciência*. O bom católico, como a tua pequena, não se pertence; não tem razão, nem vontade, nem arbítrio, nem sentir próprio; o seu cura pensa, quer, determina, sente por ela. O seu único trabalho neste mundo, que é ao mesmo tempo o seu único direito e o seu único dever, é aceitar esta direção; aceitá-la sem a discutir, obedecer-lhe, dê por onde der; se ela contraria as suas idéias, deve pensar que as suas idéias são falsas; se ela fere as suas afeições, deve pensar que as suas afeições são culpadas. Dado isto, se o padre disse à pequena que não devia nem casar, nem sequer falar contigo, a criatura prova, obedecendo-lhe, que é uma boa católica, uma devota conseqüente, e que segue na vida, logicamente, a regra moral que escolheu. Aqui está, e desculpa o sermão.” (p.182)

Tudo em volta de Amélia caminhava para uma mesma direção, rumo a Amaro. As beatas com as quais Amélia convivia sempre elogiavam-no (“- Olha para ele! É de

inspirar fervor. É a honra do clero. Não há outro!...” p.116), e depreciavam João Eduardo (“E todas elas achavam em João Eduardo ‘um presta para nada’!” p.116), a casa sempre freqüentada por padres, as histórias que ouviu na infância e os seus pensamentos de boa católica a conduziam ao que ela tinha aprendido desde pequena, isto é, à Igreja:

“O seu cérebro de devota apenas lhe fornecia soluções devotas - entrar num recolhimento, fazer uma promessa a Nossa Senhora das Dores “para que a livrasse daquele apuro”, ir confessar-se ao padre Silvério...” (p.135)

“Era um silêncio seco, uma hostilidade gelada de divindade ofendida. Ela conhecia o crédito que Nossa Senhora tem nos concílios do Céu; desde pequena lho tinham ensinado; tudo o que ela deseja o obtém, como uma recompensa devida aos seus prantos no Calvário; seu Filho sorri-lhe à sua direita, o Deus Padre fala-lhe à esquerda... E compreendia bem que para ela não havia esperança - e que alguma coisa medonha se preparava lá em cima, no Paraíso, que lhe cairia um dia sobre o corpo e sobre a alma, esmagando-a com um desabamento de catástrofe... Que seria?” (p.260)

Toda a devoção de boa católica, que Amélia manteve durante sua vida, não foi suficientemente reconhecida pela Igreja. Na hora da morte, ao receber o seu último sacramento, o abade falou: “não devemos aproximar-nos duma mulher em parto ilegítimo senão num caso extremo” (p.341), demonstrando que Amélia, sempre tão amparada por padres, torna-se a mais desamparada das mulheres, longe da mãe, de seu filho recém-nascido, de Amaro, de sua casa e de Deus.

3. *O bondoso Deus do Abade Ferrão (a exceção das influências)*

Quando Amélia sai do seu meio habitual, para ganhar seu filho longe das pessoas que sempre a influenciaram, ela conhece o abade Ferrão, o outro lado da Igreja Católica.

O abade Ferrão não considerava Deus um ser cruel, como sempre Amélia acostumou-se a considerar:

“O bom Ferrão não se moveu, atordoados. Enfim, vendo-a olhar ansiosa para ele à espera das suas palavras e dos seus conselhos, disse:

- E há muito que sente esses terrores, essas dúvidas...?

- Sempre, senhor abade, sempre!

- E tem convivido com pessoas que, como a senhora, são sujeitas a essas inquietações?

-Todas as pessoas que conheço, dúzias de amigas, todo o mundo...

O inimigo não me escolheu só a mim... A todos se atira...” (p.294)

Através desse diálogo, entre o abade e Amélia, ele pode constatar como é que muitos fiéis eram instruídos pelos seus colegas de ofício:

“O abade Ferrão ficou calado um momento: sentia-se triste, pensando que por todo o reino tantos centenares de sacerdotes trazem assim voluntariamente o rebanho naquelas trevas de alma, mantendo o mundo dos fiéis num terror abjeto do Céu, representando Deus

e os seus santos como uma corte que não é menos corrompida, nem melhor, que a de Calígula e dos seus libertos.” (p.295)

A indignação do abade foi seguida por uma reestruturação da educação religiosa de Amélia que passa a conhecer um Deus bondoso e misericordioso. A interpretação do abade Ferrão mostrava todo o amor infinito de Deus e dava esperança à Amélia:

“naquela suave interpretação da outra vida, como um bom bisavô risonho; Nossa Senhora era uma irmã de caridade; os santos, camaradas hospitaleiros! Era uma religião amável, toda banhada de graça, em que uma lágrima pura basta para remir uma existência de pecado. Que diferente da soturna doutrina que desde pequena a trazia aterrada e trêmula! Tão diferente - como aquela pequena capela de aldeia da vasta massa de cantaria da Sé. Lá, na velha Sé, muralhas da espessura de côvados separavam da vida humana e natural: tudo era escuridão, melancolia, penitência, faces” (p.312)

Somente mudando de meio, longe da sua casa infestada de beatas e padres, é que Amélia, influenciada pelo abade Ferrão, pode repensar sobre sua vida e descobrir o que Amaro realmente significava para ela:

“Ela, com efeito, já não pensava no senhor pároco com a comoção de outrora: o terror do pecado, a influência penetrante do abade, aquela brusca separação do meio devoto em que o seu amor se desenvolvera, o gozo que sentia numa serenidade maior, sem sustos noturnos e sem a inimizade de Nossa Senhora, tudo concorrera para que o fogo ruidoso daquele sentimento se fosse reduzindo a alguma brasa que ainda rebrilhava surdamente. O pároco estivera ao princípio na sua alma com o prestígio dum ídolo coberto de ouro; mas tantas vezes, desde a sua gravidez, sacudira, nas horas de terror religioso ou de arrependimento histérico, aquele ídolo, que todo o dourado lhe ficara nas mãos, e a forma trivial e escura que aparecia por baixo já a não deslumbrava; viu por isso o abade derrubar-lho inteiramente, sem chorar e sem lutar.” (p.313)

O que vai levar Amélia ao seu fim trágico não será mais a influência da autoridade sacerdotal de Amaro, será o prazer da carne, a única coisa que o abade Ferrão não pôde mudar nos pensamentos de Amélia (“Se ainda pensava em Amaro, é porque não podia deixar de pensar na casa do sineiro; mas o que a tentava ainda era o prazer e não o pároco.”p.313).

4. O descrente João Eduardo

João Eduardo é o personagem que percebe toda a hipocrisia que rodeia Amélia. Ele teme que ela seja influenciada pelo meio beato em que vive e tenta apressar o casamento para evitar isso:

“E desejaria sobretudo apressar o casamento, para tirar Amélia daquela sociedade de beatas e padres, receando ter mais tarde uma mulher que tremesse do Inferno, passasse horas a rezar estações na Sé, e se confessasse aos padres “que arrancam às confessadas os segredos de alcova”!” (p.116)

O escrevente vivia inquieto por saber que Amaro freqüentava diariamente a casa de Amélia (“amargurava-o encontrar o pároco instalado ali todas as noites” p. 118) e porque temia que ela fosse “lentamente penetrada por aquela admiração cattura das velhas, para quem o senhor pároco *era um anjo*”(p.127). Ele sabia o poder de convencimento que Amaro possuía devido ao fato de ser padre:

“... Mas o perigo são certos padres novos e ajanotados, párocos por influências de condes da capital, vivendo na intimidade das famílias de bem onde há donzelas inexperientes, e aproveitando-se da influência do seu sagrado ministério para lançar na alma da inocente a semente de chamas criminosas!” (p.127)

João Eduardo acreditava que Amélia, por causa do seu espírito fraco, de fácil persuasão, tinha desistido de casar com ele por influência dos padres:

“Ela amava-o, decerto... Mas que, tinham-lhe dito que ele era o autor do *Comunicado*, que era herege, que tinha costumes devassos; o pároco, na sua voz pedante, ameaçara-a com o Inferno; o cônego, furioso, e todo-poderoso na Rua da Misericórdia porque dava para a panela, falara teso - e a pobre menina, assustada, dominada, com aquele bando tenebroso de padres e de beatas a cochicharem-lhe ao ouvido, coitada, cedera! Estava talvez persuadida, de boa-fé, que ele era uma fera! E àquela hora, enquanto ele ali andava pelas ruas, escoraçado e desgraçado, o padre Amaro, na saleta da Rua da Misericórdia, enterrado na poltrona, senhor da casa e senhor da rapariga, de pema traçada, palavra de alto! Canalha!” (p.178)

O escrevente sabia que a rapariga com a qual queria casar morava numa casa “que era mais freqüentada por padres que a sacristia da Sé...”(p.190) e, por isso, acreditava que a carta que Amélia lhe escreveu rompendo o noivado derivou das influências que sofria nessa casa (“ela decerto, coitada, fora levada a escrever num terror do Inferno, sob a pressão dos padres furiosos...” p.191).

O ódio que ele nutria pelos padres levá-o a perder o emprego e Amélia, pois os sacerdotes não deixam de se vingar do cético João Eduardo.

5. Conclusão

O crime do padre Amaro tornou-se o marco do Naturalismo na Literatura Portuguesa e, como naturalista, o escritor defende a idéia de que o homem é fruto do meio em que vive. Esse determinismo é responsável pelo amoldamento do caráter do homem.

A influência do meio se sobressai nesse romance, atuando nos indivíduos, que passam a agir impulsionados por essa força irresistível. Amaro e Amélia são os protagonistas dessa situação: ele, padre sem vocação, incapaz de uma reação pessoal que

demonstrasse personalidade forte, ingressou na carreira eclesiástica visando status social; ela, totalmente identificada com a hipocrisia em que crescera, vê a igreja como um espaço de luxo e pompa. Finalmente, ambos se deixam arrastar, sem reagir, para a paixão carnal.

No final da obra, como num juízo final, Amélia fica sem o filho, sem Amaro, sem a própria vida, enquanto o padre passa a “confessar somente mulheres casadas”. O mal-aventurado fim de Amélia é proporcional às desgraças que ela esperava de um Deus imperioso. O futuro com muitos amores para Amaro condiz com o que ele aprendeu com o clero e se revela em harmonia com a hipocrisia do meio em que ele vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, João Ferreira de (Tradutor).(1969). *A Bíblia Sagrada*, Contendo o Velho e o Novo Testamento. Brasília –DF, Sociedade Bíblica do Brasil.
- Dicionário Enciclopédico Ilustrado Formar* (1968), São Paulo: Editora e Encadernadora Formar Ltda. vol. II, p.711.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 30.ed. São Paulo, Cultrix.
- QUEIRÓS, Eça de (2000). *O Crime do Padre Amaro*. 15.ed. São Paulo, Ática.